

IX. Considerações finais

Paulo Astor Soethe (org.)
Daniel Martineschen (coord.)
Caio Heleno da Costa Pereira
Dionei Mathias
Elisete Antoniuk
Fernanda Boarin Boechat
Frederico Füllgraf
Natasha Pereira da Silva
Sibele Paulino
Sirlene Nair Neubauer
(transl.)

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SOETHE, PA., org. MARTINESCHEN, D., *et al.*, transl. KOHLHEPP, G. Considerações finais. In: *Colonização agrária no Norte do Paraná: processos geoeconômicos e sociogeográficos de desenvolvimento de uma zona subtropical do Brasil sob a influência da plantação de café* [online]. Maringá: Eduem, 2014, pp. 199-201. ISBN 978-85-7628-655-4. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Dentro de 40 anos realizou-se no Norte do Paraná a oeste do rio Tibagi, em diversas fases e níveis de intensidade, o processo de desenvolvimento de uma zona pioneira temperada para uma paisagem fortemente diferenciada em termos regionais, marcada pela mobilidade espacial e social de diversas camadas sociais e grupos populacionais de origem diversa e com variados objetivos econômicos.

O curso da colonização agrária no Norte do Paraná é caracterizado por três fases principais:

1. A fase pioneira de 1930 até o fim dos anos 1940.

O início da exploração esteve na sombra da grande crise cafeeira do Brasil, que impediu a especulação fundiária da tradicional classe dos proprietários de plantações de café paulistas no Norte Novo do Paraná. Com isso surgiu a possibilidade de uma ocupação dirigida e de uma colonização com grupos heterogêneos de colonos de diversas nacionalidades com base na pequena e média propriedade e com o direcionamento econômico para a policultura, tendo o café a princípio apenas um papel reduzido.

A região explorada no Norte Novo por uma companhia privada de colonização, a Cia. Terras Norte do Paraná, é exemplar como modelo de planejamento de desenvolvimento regional de uma zona de *frontier* para a América Latina.

Por outro lado, a colonização estatal iniciada em 1939, sobretudo com colonos brasileiros de todas as partes do país, não conseguiu, por conta de conflitos de interesse político, garantir sem impedimentos a segurança do título de propriedade das porções de terra divididas em todas as ordens de tamanho.

2. Avanço do *frontier* e fase de expansão do cultivo do café do fim dos anos 1940 até início dos anos 1960.

O início desta segunda fase de desenvolvimento foi determinado pela recuperação do mercado internacional de café após a Segunda Guerra Mundial. Fortes impulsos conjunturais, com efeito direto sobre a apropriação da terra e a colonização, provocaram no Norte do Paraná um *boom* do cultivo de café que ainda não era conhecido mesmo no Brasil, o qual atingiu seu ápice por volta do fim dos anos 1950 com o esgotamento da alta fertilidade dos solos paranaenses de 'terra roxa'. O avanço rápido da frente do café teve como consequência uma forte migração interna de São Paulo, Minas Gerais e dos estados do Nordeste para o Norte Novo do Paraná e para as zonas pioneiras do Norte Novíssimo. É característica da dinâmica das regiões jovens de colonização sob a influência do cultivo de café uma mobilidade social incomum no Brasil. Sobretudo os descendentes de empregados italianos de latifúndios paulistas ascenderam da classe social dos trabalhadores rurais, passando por meeiros e empreiteiros para se tornarem proprietários de terras autônomas, assim como colonos japoneses apoiados por organizações de imigrantes próprias e sociedades de colonização. Por outro lado, apenas uma pequena parte dos trabalhadores rurais oriundos da região Nordeste conseguiram essa ascensão, da qual os trabalhadores itinerantes não obtiveram parcela alguma.

Com a chegada ao vale do rio Paraná e com a chegada à fronteira climática de cultivo em consequência da ocorrência das geadas anuais, a transferência permanente do local de cultivo de café no Brasil — que já durava dois séculos, iniciado no Pará, no Norte do Brasil, passando pelo litoral até o Rio de Janeiro, entrando no sul de Minas Gerais e passando pelo Vale do Paraíba até São Paulo —, encontrou seu fim na zona de transição tropical do Norte do Paraná para a região subtropical do centro do Paraná.

Fenômenos de concentração da monocultura do café nos pontos mais importantes de cultivo do Norte do Paraná, por um lado, bem como — apesar dos danos causados por geada e das perdas de colheita a eles ligadas — a ameaça renovada de superprodução de café com suas consequências mundiais, por outro, caracterizam a fase final da expansão do cultivo de café, determinada pelo espírito especulativo dos plantadores de café a explorar sua posição de domínio de mercado.

3. A fase dirigista no cultivo de café a partir de 1962/1963

Essa fase é determinada pelo emprego de medidas estatais de direcionamento, vinculadas a obrigações contratuais no âmbito do Acordo Internacional do Café, que tiveram como objetivo a redução

das áreas de cultivo de café e se distinguiram com isso da valorização do café praticada em São Paulo nos anos 1920 e 1930 através da destruição das colheitas.

Como principal processo de desenvolvimento espacial, iniciou-se uma intensa seleção de áreas de cultivo de café ecologicamente apropriadas com rejuvenescimento simultâneo das plantações de café. Com isso, iniciou-se uma valorização dos fatores de produção qualitativos em vez do cultivo extensivo, até então direcionado unicamente para resultados quantitativos.

A localização excepcional dos solos de decomposição vulcânica fez que o Norte Novo se tornasse, na região de altitudes entre 450 e 800 m, a área ideal de cultivo de café, enquanto o Norte Novíssimo, em grande parte dominado por solos arenosos, cuja fertilidade é rapidamente exaurida, perdeu rapidamente importância.

A redução das áreas de cultivo de café está ligada à propagação oficial de uma rede poliestrutural de aproveitamento da terra. O desenvolvimento agrário foi determinado fortemente pela busca por um segundo produto de cultivo economicamente rentável ao lado ou depois do café. A experimentação dos plantadores com base nas relações de preço submetidas a oscilações de tempo curto levou a um aumento do cultivo de algodão, bem como, mais tarde, de soja e trigo; ao mesmo tempo, contudo, também através da superprodução temporária, subiu a instabilidade dos preços dos produtores no caso de arroz, milho e feijão, os quais são atualmente apoiados pelo governo através de preços mínimos. A grande insegurança no desenvolvimento dos preços desses produtos, cujos rendimentos estão submetidos a fortes oscilações por causa das condições climáticas desfavoráveis e da aparição de pragas, estimulou em crescente medida a reorientação empresarial para a criação de gado, sobretudo no caso de empreendimentos médios e grandes no Norte Novíssimo — cujas pastagens artificiais foram criadas desde meados dos anos 1960, em parte após uma fase de transição de 2 a 4 anos de cultivo de algodão, em parte diretamente pelo arroteamento das florestas remanescentes.

Formas primitivas de exploração no cultivo do café levaram, nas zonas pioneiras do Noroeste do Paraná, à degradação dos recursos naturais. A queima das florestas úmidas tropicais foi seguida pela erosão do solo, bem como pelo esgotamento da produtividade do solo.

A forte geada de julho de 1969, que causou uma perda quase total da colheita de café de 1970, fortaleceu a discrepância do desenvolvimento econômico agrário do Norte do Paraná e acelerou a migração de partes da população rural para as periferias urbanas ou para a Amazônia. Relações trabalhistas contratuais de colonos assentados no empreendimento foram dissolvidas através de um sistema de jornada remunerada diariamente de trabalhadores não assentados e sem garantias sociais, o qual escapa às tentativas de estabilização socioagrária do governo. Os fluxos desorganizados de trabalhadores migrantes do Nordeste, chegando mesmo após o fim da alta do café, intensificaram as tensões sociais na região.

Passa a haver, portanto, em todo o Noroeste do estado, sobretudo no Norte Novíssimo entre Ivaí e Paranapanema, uma tendência acentuada para o ciclo econômico, conhecido de São Paulo, da economia do café para a economia de pastagens, em que os empreendimentos mistos de café e gado transferem de maneira crescente sua ênfase para a engorda de gado, uma vez que os investimentos de capital necessários nesta região para a regeneração das plantações de café são altos demais. Em partes do Norte Novíssimo surgiu um *hollow frontier* [*frontier* oco] com todas as suas formas típicas de manifestação.

O fim das possibilidades de expansão do cultivo de café no Norte do Paraná levou a uma reconcentração nas regiões da terra roxa e a uma intensificação do cultivo nessas regiões. As tentativas de consolidação da economia do café, que também podem ser observadas na valorização das regiões tradicionais de cultivo nos espaços naturalmente apropriados ao cultivo de café em São Paulo, são realizadas em parte dos empreendimentos do Norte Novo do Paraná por meio da utilização de numerosas inovações, entre elas o cultivo de sementes, cultivo paralelo ao declive, adubagem e tratamento contra pragas, bem como a seleção de plantações intermediárias adequadas. Na falta de capital dos empreendimentos pequenos e médios (que são ali preponderantes), deve ser feita futuramente uma distribuição mais generosa de créditos para poder continuar se elevando o padrão geral do cultivo de café.

Ampliar a assistência ao agricultor, evitar os atravessadores na comercialização e aumentar a qualidade do produto final através de melhores instalações de preparação são as propostas mais importantes do sistema de cooperativas, que, no entanto, só se desenvolve lentamente, no mesmo ritmo do recuo da mentalidade especulativa pioneira dos plantadores de café.

O cultivo de café assume ainda no Norte Novo uma posição dominante na vida econômica, mas é ao mesmo tempo integrado a um sistema de policultura da propriedade pequena e média baseado na fertilidade naturalmente alta do solo. Por conta da base socioeconômica estável e — ao contrário do que se dá nas regiões de colonização estatal — por conta da infraestrutura bem instalada desde o início da colonização e do recente desenvolvimento dos centros urbanos regionais e de uma espessa rede de cidades pequenas, o Norte Novo central entre Londrina, Apucarana e Maringá, que já deixou para trás de si a fase do *solid frontier* [*frontier* sólido] (TAYLOR, 1972), tem perspectivas favoráveis de desenvolvimento.

Em consequência do intenso fluxo de capitais para São Paulo e do fornecimento de energia que só agora está sendo implementado, a indústria de transformação, com exceção do processamento de produtos agrícolas, está apenas no início.

Restrições ao cultivo de café e a erradicação de plantações de rendimento baixo foram no início dos anos 1960 os meios escolhidos para evitar a superprodução de café e ocasionaram uma forte redução das áreas de cultivo. As consequências dessas medidas — em grande parte dirigidas pelo Estado, mas também em parte tomadas espontaneamente — foram, contudo, intensificadas em razão dos fortes danos causados pela geada no cultivo de café no Paraná. Assim o Brasil se encontrou repentinamente diante do problema de uma produção de café pequena demais, de maneira que as quotas de exportação puderam ser realizadas apenas com ajuda de reservas armazenadas, que já tinham diminuído significativamente. A rápida regeneração das plantações danificadas por geadas relaxou um pouco a situação econômica na primeira metade dos anos 1970.

No curso dos processos socioeconômicos e sociogeográficos, partes do Norte Novo do Paraná se cristalizaram como locais favoráveis ao cultivo de café por motivos ecológicos e socioeconômicos. Para o desenvolvimento da estabilidade social e econômica do Norte do Paraná, mas também para a garantia das exportações brasileiras, o sucesso das melhorias estruturais do Paraná no cultivo de café tornou-se na época uma questão de importância decisiva.

Os esforços para a consolidação da economia do café sob a utilização de métodos modernos de exploração anunciaram então uma nova fase de desenvolvimento agrícola, que no momento da conclusão deste trabalho ainda se encontra, contudo, em estágio de transição.

O risco de geada e a ameaça por meio do fungo da ferrugem, que aparece no Paraná desde 1971, aceleraram, por meio de medidas político-econômicas, as tendências de diversificação no uso da terra, que devem levar a uma redução das oscilações dependentes da monocultura e do mercado mundial na área socioeconômica, e a superar o elemento especulativo na economia agrícola, em proveito de um planejamento de cultivo coordenado.